



# UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CAMPUS II – CAMPINA GRANDE – PB

CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E FINANÇAS

CURSO: BACHARELADO EM ECONOMIA  
ALUNO: ALDENOR MEDEIROS DA CRUZ

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

EMPRESA COLABORADORA  
REFINARIA DE ÓLEOS VEGETAIS S/A (ROVSA)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
AVENIDA APRÍGIO VELOSO, 882 - Cx. Postal 518  
TELEX: 0832211 - FONE: (083) 321.7222  
58.100 - CAMPINA GRANDE – PB  
BRASIL

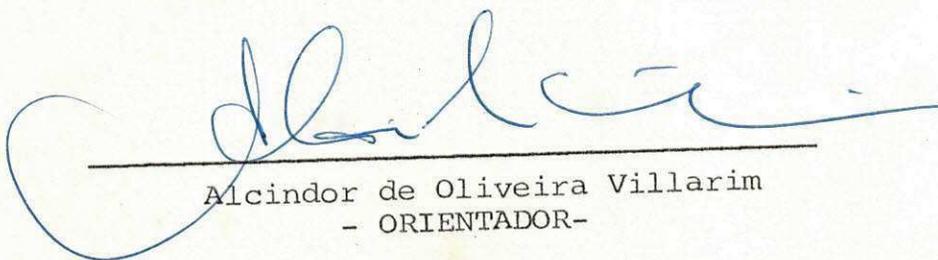


Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2021.

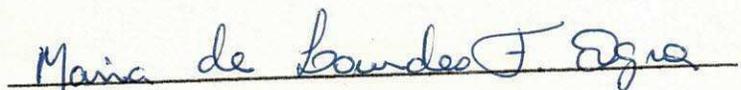
Sumé - PB

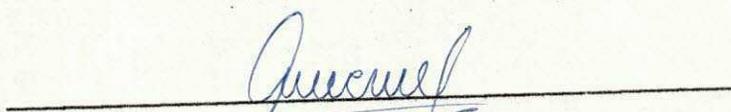
7-(VOVE)

NOTA



Alcindor de Oliveira Villarim  
- ORIENTADOR -

  
Ma. de Lourdes Farias Agra  
-COORDENADORA-

  
Aldenor Medeiros da Cruz  
-ESTAGIÁRIO-

CAMPINA GRANDE (PB)  
DEZEMBRO DE 1987.

# Refinaria de Oleos Vegetais S. A.

Telegramas ( R O V S A  
REFINARIA

Inscrição ( Estadual 16.008.137-8  
CGC 08.818.635/0001-02

Telefones ( DDD (083) 321-4089  
321-3255 - 321-4956  
Telex (083) 3109

## DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins de direito a quem possa interessar, que ALDENOR MEDEIROS DA CRUZ, aluno do curso de BACHARELADO EM ECONOMIA da UFPB - CAMPUS II, Campina Grande, estagiou em nossa empresa, perfazendo uma carga horária de 285 (duzentos e oitenta e cinco horas), no período compreendido entre 01/10/87 a 01/12/87, tendo o mesmo obtido nos seus exercícios e tarefas realizadas, bom aproveitamento.

Atenciosamente,

Refinaria de Óleos Vegetais S/A.

*José Petronio Q. Adelha*  
José Petronio Q. Adelha  
Dir. Administrativo

REFINARIA DE OLEOS VEGETAIS S.A.

*Isaias dos Santos Filho*  
Isaias dos Santos Filho  
Dep. Pessoal

## Í N D I C E

	Pág.
- DEDICATÓRIA	
- AGRADECIMENTOS	
- EMPRESA COLABORADORA	
1. - INTRODUÇÃO .....	09
2. - APRESENTAÇÃO .....	11
3. - O ALMOXARIFADO .....	12
3.1 - Entrada em Estoque .....	13
3.2 - Permanência em Estoque .....	14
3.3 - Saída do Material - Baixas .....	14
4. - SETOR DE CRÉDITO E COBRANÇA .....	16
4.1 - Controle de Duplicatas .....	16
4.2 - Descontos .....	18
4.3 - Cadastro .....	19
4.4 - Cobranças .....	20
5. - SETOR DE PRODUÇÃO .....	21
5.1 - Fabricação da Torta e do Linter .....	21
5.1.1 - A Matéria-Prima .....	22
5.1.2 - Como se dá o Processo .....	22
5.2 - A Produção de Óleo Comestível .....	23
5.2.1 - A Matéria-Prima e sua Extração..	23
5.2.2 - Refinação e Desodorização .....	24
5.3 - Fabricação do Sabão .....	26
5.3.1 - Processo .....	26
5.4 - Manutenção .....	27
6. - CUSTOS .....	29

	Pág.
6.1 - Fases do Custo .....	29
6.1.1 - Custo Primário ou Custo Direto .....	29
6.1.2 - Gastos Gerais de Fabricação .....	29
6.1.3 - Custo de Fabricação .....	29
6.1.4 - Custo Comercial .....	30
6.1.5 - Custo Total .....	30
6.1.6 - Custo Econômico-Técnico .....	30
6.1.7 - Preço de Venda .....	30
6.2 - Detalhes sobre as Fases do Custo .....	31
6.2.1 - O que vem a ser amortização? .....	31
6.2.2 - Material Direto .....	31
6.2.3 - Mão-de-Obra Direta .....	32
6.2.4 - Gastos Gerais .....	32
6.2.5 - Material Indireto .....	32
6.2.6 - Mão-de-Obra Indireta .....	32
6.2.7 - Outros Gastos Gerais .....	32
7. - CONCLUSÃO .....	35
8. - BIBLIOGRAFIA .....	36

- DEDICATÓRIA.

Ser amigo dos pais é dever de todo filho; esse dever porém, torna-se um prazer delicioso quando os pais sabem conquistar a estima e a gratidão dos filhos através de carinho, dedicação e bons conselhos.

Que gratidão será bastante para recompensar os seus mil e um cuidados e sacrifícios, quando os filhos chegam à idade em que precisam estudar ou tomar uma direção na estrada da vida?

Assim como deve ser o filho para com os pais deve também ser o irmão para com os irmãos.

Ter a mesma origem, compartilhar dos mesmos carinhos, dos mesmos cuidados e dos mesmos folguedos desde a infância, são fochos que consolidam uma verdadeira amizade. Essa amizade, porém, cresceu, desenvolveu-se e chegou ao seu maior apogeu.

Todavia, pelo esforço, a compreensão, a dignidade e a sensatez que tiveram e continuam tendo; por tudo isto, e muito mais, aos meus generosos pais ALIXANDRINO TIBURTINO DA CRUZ (In Memoriam) e ALDA MARIA DE MEDEIROS e aos fidedígnos manos: ARIOSVALDO, ARIOSMAM e ARIOMAR, quero eu, dar, uma prova de reconhecimento pelos inúmeros e relevantes serviços que me prestaram ao longo desse tempo; portanto, à todos vocês, solidariamente, ofereço, dedico e consagro a realização do meu curso.

ALDENOR MEDEIROS DA CRUZ

- AGRADECIMENTOS.

Sou especialmente grato à Refinaria de Óleos Vegetais S/A (ROVSA), que muito gentilmente me acolheu como estagiário, permitindo-me então, aprofundar meus conhecimentos à medida que pude associar a teoria colhida nas salas de aulas à prática que diariamente desencadeia-se em cada um dos setores desta conceituada empresa.

Seria difícil enumerar todos aqueles que, em uma ou outra ocasião, colocaram questões e problemas que ajudaram a formular mais corretamente minhas idéias. As experiências e intuições dessas pessoas revestiram-se de um valor incalculável e contribuíram para esclarecer minhas próprias dúvidas. À essas pessoas, que material ou efetivamente me prestaram a sua colaboração e me acompanharam nessa maratona faltam-me palavras para manifestar a extensão de minha gratidão. Por último, os meus maiores agradecimentos ao professor ALCINDOR DE OLIVEIRA VILLARIM pela assistência prestada na elaboração deste trabalho.

ALDENOR MEDEIROS DA CRUZ

- EMPRESA COLABORADORA.

A ROVSA (Refinaria de Óleos Vegetais S/A) teve como princípio de sua vida útil o dia 12 de dezembro de 1948.

Situada à Rua Portugal, nº 600, Bairro de Bodocongó, Caixa Postal, 61 - CEP: 58.100 - Campina Grande - Paraíba.

É inscrita na JUCEP (Junta Comercial do Estado da Paraíba) e FIEP (Federação das Indústrias do Estado da Paraíba). Com inscrição estadual sob nº 16.008.137-8 e no cadastro geral do contribuinte - CGC - sob o nº 08818635 / /0001-02.

Desde sua fundação até hoje, sempre produziu os mesmos produtos que produz atualmente, como sejam:

- Óleo comestível marca DON-DON (resultado da extração e refinação do óleo do caroço de algodão).
- Torta (bagaço resultante da prensagem dos caroços oleaginosos de algodão), produto destinado à alimentação animal.
- Linter (fibra de algodão que reveste o caroço).
- Sabão em barras marcas POTY e RECIFE.

Todos esses produtos passam por um processo diferente de fabricação e por isto é necessário o uso de mão-de-obra especializada. A empresa, no entanto, conta com

essa mão-de-obra especializada na pessoa dos técnicos que acompanham o processo de fabricação de cada um desses bens de consumo final.

Em decorrência da escassez do algodão, bem como, resultando à empresa mais economia, a partir de janeiro de 1988 entra em funcionamento o novo processo de refinação à base do caroço de soja. Ficando a partir daí com os dois processos de refinação.

Haja vista, os produtos fabricados pela ROVSA, serem produtos de necessidades básicas, os mesmos têm uma demanda que abrange vários estados do nordeste e até de outras regiões. Sendo seus maiores consumidores os estados: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

No que tange ao bem-estar social dos seus funcionários, a empresa mantém convênio com algumas entidades no sentido de levar aos mesmos assistência médica, odontológica, lazer, etc. E, como fim social, proporciona diversos empregos.

## 1. - INTRODUÇÃO.

O estágio supervisionado que ora apresento é o resultado de uma breve passagem por alguns setores da ROVSA (Refinaria de Óleos Vegetais S/A), mas de um valor inestimável quanto a aprendizagem obtida neste lapso de tempo.

Inestimável porque, auxiliado pelos funcionários do almoxarifado, setor de crédito e cobrança, setor de produção e setor de custos, certifiquei-me das atividades desenvolvidas por eles. Neles, respectivamente, acompanhei o controle de estoque, os cálculos de custo médio dos diversos materiais; o controle de duplicatas, descontos, cadastros e cobranças. No setor de produção tive a oportunidade de conhecer superficialmente a matéria-prima e o processo de fabricação dos 04 (quatro) produtos fabricados pela empresa, e por último, no setor de custos, acompanhei o controle dos custos de produção.

O tempo necessário para realização do mesmo está compreendido entre o 1º de outubro do corrente ano 01 de outubro de 1987 ao 1º de dezembro também do ano em curso perfazendo assim um total de 62 dias e conseqüentemente 285 horas.

Visando adquirir habilitação técnica nos setores onde estagiei, bem como, melhorar meu potencial intelectual considero este relatório como um treinamento de fixar idéias e conceitos de maneira progressiva, rápida

e eficiente, sendo, portanto, um instrumento de signifi -  
cante valor para o processo ensino-aprendizagem.

## 2. - APRESENTAÇÃO.

Procurei no decorrer do estágio realizado na (ROVSA) Refinaria de Óleos Vegetais S/A me familiarizar com os trabalhos desenvolvidos e assim criar uma infra-estrutura prática para meu próprio desempenho como profissional. Isto não é só aconselhável, como imprescindível, somente assim ficará consolidada simultaneamente a prática à teoria, o que permite ao aprendiz um conhecimento satisfatório da profissão na qual pretende se especializar.

Devo ressaltar que não procuro esgotar cada item apresentado neste trabalho; muito pelo contrário, procuro expor, de maneira sistemática, os assuntos, evitando, inclusive, tediosas demonstrações matemáticas (gráficos, tabelas, etc.), que mesmo sendo parte, integrante do assunto não acho necessário colocá-las. Apresento sim, uma introdução teórica básica intrínseca aos conceitos, de maneira objetiva e simplificada.

### 3. - O ALMOXARIFADO.

O almoxarifado, é o local da fábrica onde toda mercadoria, matéria-prima ou materiais necessários ao funcionamento da organização são estocados para serem oportunamente distribuídos aos setores que dele se abastecem.

É também o almoxarifado, a seção responsável pela compra dos diversos materiais utilizados nas oficinas ou setores de produção, como por exemplo, peças, materiais de reposição e a matéria-prima usada no fabrico do produto industrializado. Ainda por sua vez, cabe ao almoxarifado a responsabilidade do controle das saídas desses materiais estocados.

Para aqueles materiais consumidos em larga escala são efetuadas compras em grande quantidade. Esses materiais identificam-se como sendo: eletrodo para soldagem, carbonato de sódio, grampos, fita adesiva, caulim, sal, material de embalagem etc. Já, outros materiais são comprados apenas em caso de necessidade urgente, na maioria das vezes são peças para reposição de máquinas, como sejam, rolamentos, engrenagens, válvulas para vapor, buchas e outros tipos de ferragens.

Quanto ao seu aspecto físico, este é simples, é composto de uma enorme prateleira com capacidade para alojar mais de 240 (duzentos e quarenta) produtos de pequeno porte, além de poderosos bancos de madeira para uso especí

fico de materiais impróprios à prateleira e um grande galpão com 448 m<sup>2</sup> (quatrocentos e quarenta e oito metros quadrados) de área coberta onde são estocados aqueles materiais ou mercadorias que por suas características físicas (peso, volume, número de unidades ...) são acomodadas no seu interior, ficando assim protegidas do sol e da chuva. Ainda como parte integrante do almoxarifado nele estão, cadeiras, birôs, máquinas de datilografia e o fichário ou móvel onde são guardadas as fichas devidamente classificadas.

### 3.1 - Entrada em Estoque.

Toda e qualquer mercadoria, matéria-prima ou materiais adquiridos para a manutenção da empresa, antes de entrar em estoque são conferidos. Esse material ao entrar, uma ficha é aberta para o mesmo e, de acordo com a documentação que o acompanha (notas de entrega, fatura, etc.), todas as anotações são passadas para a referida ficha. Nesta ficha (ficha de estoque) é mencionada a quantidade do material que entrou, número da nota fiscal, fornecedor e custo unitário bem como a natureza física do material: metro, quilo, caixa, litro, rolo, fardo, etc. Vale salientar que para cada material em particular há uma ficha individual.

Quando é necessário comprar um ou mais tipos de materiais, o almoxarife (encarregado do almoxarifado) solicita ao setor financeiro liberação de recursos para compra do(s) mesmo(s). Dependendo do prazo estabelecido pelo fornecedor e a necessidade do material o mesmo poderá ser comprado à vista, neste caso a compra é feita normalmente.

Mas quando trata-se de uma compra para pagamento poste - rior o que geralmente acontece esta é realizada através de uma ordem de compra. Esta ordem de compra é composta de três vias que ficam assim distribuídas: 1.<sup>a</sup> via com o fornecedor até a efetuação do pagamento, 2.<sup>a</sup> via fica na tesouraria e a 3.<sup>a</sup> via fica no almoxarifado. Após a compra, a nota fiscal que acompanha o material é levada ao setor financeiro para ser registrada e contabilizada, ficando a 2.<sup>a</sup> via no almoxarifado para seu controle e prestação de contas em caso de irregularidade.

### 3.2 - Permanência em Estoque.

Após ter sido desembaraçado pelo setor de recebimento e controle, estando em ordem todas as anotações, o material entra em estoque. Caso ainda exista saldo a ser utilizado emprega-se o método do custo médio, ou seja, soma-se o material estocado com o que está dando entrada bem como seus respectivos preços, feito isto, divide-se pela nova quantidade apresentada, obtendo-se portanto o custo médio. De acordo com o plano de organização conta-se com o auxílio das fichas; estas fichas têm como finalidade fornecer o controle do material em estoque e, assim, é feita as devidas anotações de entrada, modificando os saldos existentes.

### 3.3 - Saída do Material - Baixas.

O fornecimento de materiais aos setores consumidores (oficina, caldeira, laboratório, refinação, saboaria, embalagem e fábrica de óleo) é feito pelo sistema de requisição. Somente com uma requisição concedendo ordem

serão efetuadas as entregas solicitadas. Existe um talão ' de requisição exclusivamente para cada um desses setores.' No entanto que, se algum setor solicitar material, vai-se até o talão de requisição referente ao mesmo registra-se a quantidade do material solicitado com prévia assinatura do solicitante e, evidentemente com visto do almoxarife. A partir daí é da inteira e total responsabilidade do solicitante o destino que venha tomar o material.

No final de cada expediente, verifica-se todas as saídas registradas nos talões de requisições e, consequentemente se dar baixa nas fichas individuais de estoque. Registra-se também o setor solicitante, a data e o número do talão de requisição. Outrossim, é que quando é debitada as saídas nas fichas individuais de estoque carimba-se no espaço existente e reservado para este fim as folhas do talão referentes ao material entregue.

#### 4. - SETOR DE CRÉDITO E COBRANÇA.

Este setor tem como finalidade básica o contro - le de duplicatas, ou seja, registrar todas as duplicatas emitidas pela empresa, em sua ordem cronológica. É também de sua competência a emissão de notas fiscais, descontos, ca - dastros e cobranças. Em linhas gerais, resume-se este setor, em controlar todas as contas quer emitidas ou contraídas pe - la empresa.

Ainda fazendo parte deste setor o mesmo dispõe de técnicas altamente eficazes, haja vista sua função fa - zer tal exigência. Pois, para atingir seus objetivos especí - ficos; atender melhor e atualizar recebimentos torna-se im - prescindível o uso adequado dessas técnicas.

Por ser um setor que em parte atua fora dos parâ - metros da empresa, tem quase que por obrigação, ser dotado de muita flexibilidade e dedicação, para que assim possa chegar ao objetivo com êxito, tentando evidentemente aten - der as necessidades da clientela da maneira mais viável pos - sível.

A (ROVSA) Refinaria de Óleos Vegetais S/A, em fa - ce de abastecer com seus produtos vários estados, conta com um elevadíssimo número de fregueses o que torna carente ao setor-crédito e cobrança - saber empregar suas técnicas' e assim no âmbito geral sair lucrando e nunca perdendo.

##### 4.1 - Controle de Duplicatas.

Como sabemos, as duplicatas são títulos emitidos'

pelas empresas nas operações de venda de mercadorias à prazo. Após sua emissão, a empresa pode adotar uma das três seguintes atitudes:

- a) ficar com o título em seu poder até que o mesmo seja pago pelo devedor;
- b) endossar e enviar o título a um banco para que se promova a cobrança em nome da empresa;
- c) endossar e enviar o título à um banco, transferindo ao mesmo a sua propriedade e recebendo em troca o valor do título, deduzidas as despesas incidentes sobre a operação.

As duas primeiras atitudes não envolvem qualquer problema contábil, pois o título permanece como propriedade da empresa até a sua liquidação.

A terceira atitude, portanto, implica na transferência da posse e da propriedade do título para o banco. A forma mais fácil de contabilizar este fato seria, dar baixa do valor do título, no ativo, em contrapartida com a entrada do dinheiro. Todavia, como se sabe, o endosso de uma duplicata não dispensa a empresa da responsabilidade de pagar o título, na eventualidade de o mesmo não ser liquidado pelo devedor, isto é, sacado.

No caso da Refinaria de Óleos Vegetais S/A (ROVSA), as vendas são efetuadas tanto à vista como a prazo. Para as vendas à vista não se faz necessário o uso da duplicata, ficando o uso desta puro e exclusivamente quando trata-se de vendas à prazo.

Cada cliente tem uma ficha - conforme anexo - pa

ra o registro de todas as compras. Nela, são anotadas em espaços apropriados, a data da emissão da nota fiscal, número da duplicata, data do vencimento, valores (nominal e acumulado), data do pagamento e caso haja, a quantidade de dias em atraso. Esta ficha se constitui num verdadeiro histórico do cliente e geralmente é consultada por outros fornecedores com o objetivo de terem uma referência desse cliente.

O setor de crédito e cobrança para controlar a entrada e saída de mercadorias conta com dois livros (Registro de Entradas e Registro de Saídas) nos quais são transcritos as compras, uma a uma, bem como, as vendas e baixas, respectivamente. Este controle, portanto, é repassado ao setor financeiro para efeito de contabilização.

Como forma de trazer os clientes informados das disponibilidades dos produtos acabados o setor de crédito e cobrança fica em contato direto com o setor de produção. É desta maneira que a ROVSA atua no sentido de fornecer e encaminhar os pedidos dos seus clientes.

#### 4.2 - Descontos.

Existem dois tipos de descontos, sendo eles: descontos comerciais e descontos financeiros.

Os descontos comerciais são vantagens concedidas pelo vendedor a favor do comprador, no ato da compra, em função de vários motivos: seja pela grande quantidade vendida, seja porque o comprador é um cliente especial etc. Tais descontos são diferentes dos abatimentos. Enquanto estes são concedidos após a venda, em face de estrago ou ou-

tro motivo descoberto posteriormente, os descontos comerciais são contratados no ato da venda, ficando portanto conhecidos desde aquele momento (momento da transação).

Os descontos financeiros, por sua vez, são os prêmios oferecidos pelo vendedor ao comprador, caso este antecipe o pagamento das dívidas assumidas. Para este tipo de desconto, normalmente, o vendedor indica, na nota promissória, ou na duplicata, que o valor da dívida é "X", e que será cobrada, dentro de 90 dias, pelo seu próprio valor; se for paga dentro de 60 dias, o comprador gozará de um desconto de 3%, e, se dentro de 30 dias, de 5%. Essas percentagens variam de acordo com o interesse do credor em receber com antecipação, bem como, variam também as condições, sendo que há os que concedem, inclusive, desconto a favor dos que fazem o pagamento no próprio dia do vencimento.

Esses descontos, são, pois, funções, do interesse e da possibilidade da empresa de efetuar o pagamento adiantado ou não, e não da transação efetivamente realizada.

Este relato sobre "Descontos" tem aqui apenas o propósito de ilustrar o setor "crédito e cobrança", uma vez que é parte intrínseca deste setor. Digo, ilustrar, porque a ROVSA não executa suas atividades comerciais com prazos acima de 30 dias.

#### 4.3 - Cadastro.

Entre outros componentes, também faz parte do setor de crédito e cobrança um formulário denominado cadastro. O qual, no entanto, é responsável pela elaboração, organização e atualização dos registros da vida funcional dos

clientes. Este cadastro, em outras palavras, consiste, no conjunto de informações gerais referentes a pessoa física ou jurídica, isto é, situação econômico-financeira, limites de crédito e outros dados, que permitem a uma instituição financeira, industrial ou comercial operar dentro de razoável margem de segurança.

#### 4.4 - Cobranças.

Em se tratando da Refinaria de Óleos Vegetais S/A (ROVSA) as cobranças são feitas geralmente 10 (dez) dias após o vencimento. Mas, quando há um comunicado por parte do cliente marcando uma data posterior para liquidação do débito, esta cobrança deixa de ser realizada. Quando não trata-se de casos desta natureza, a empresa envia uma carta informando a ocorrência do vencimento, em caso da não efetivação do pagamento o cobrador visita o cliente com o objetivo de ser acatado um acordo entre cliente e empresa. Só em casos extremos é que a empresa entra em ação e a cobrança é feita juridicamente.

## 5. - SETOR DE PRODUÇÃO.

Para toda e qualquer empresa que tem como ramo de atuação a transformação de matérias-primas em produtos acabados, deve ser atribuído notoriedade para todos os setores ou divisões de trabalho nela existente. Todos os setores que a compõe são em suma de muita importância para seu pleno e eficaz desenvolvimento, mas, mais do que em qualquer outro deve ser atribuído essa notoriedade ao setor de produção. Pois, é ele, a parte mais interessante dentro da empresa, quando cuja atividade é a transformação de matérias-primas em bens de consumo final.

A ROVSA na qualidade de empresa industrial conta com uma série desses setores ou divisões de trabalho, visando com isto atender melhor sua clientela bem como administrar melhor seu patrimônio.

### 5.1 - Fabricação da Torta e do Linter.

A fabricação desses dois produtos se dá quase ao mesmo tempo, haja vista a matéria-prima utilizada no fabrico dos mesmos ser o caroço de algodão, e este, por sua vez, ser colocado nas máquinas responsáveis pelo processo de fabricação num mesmo instante.

Ao passar pelas máquinas, mais precisamente, nas deslinateiras, a fibra que vem aderente ao caroço é agregada aos cilindros que ao ficarem cheios são retirados pelo operador da máquina para novamente serem colocados e preenchidos. Após esse estágio os caroços de algodão estão li-

vres, isto é, sem mais nenhuma cobertura e portanto são, ainda por meio das máquinas, levados para outra máquina denominada prensa, onde ocorre o esmagamento do caroço, dando origem a torta.

- 5.1.1 - A Matéria-Prima.

A matéria-prima utilizada na fabricação de ambos os produtos (Torta e Linter) é o caroço de algodão, que por sua vez é posto nas máquinas ainda bruto, passando pelo estágio inicial de peneiração, onde deixa todos os resíduos que não são aproveitáveis, tais como, terra, pedras, fragmentos de madeira, etc.

- 5.1.2 - Como se dá o Processo.

Depois de peneirado, o caroço de algodão é transportado às deslintadeiras para a separação da fibra. Esta fibra, porém, é denominada "Linter" e obedece a seguinte classificação: linter 1º corte (fibra boa), linter 2º corte (fibra média) e linter 3º corte (fibra regular). Todas estas fibras classificadas são matérias-primas para fábricas de colchões, almofadas, poltronas, etc.

Depois de classificadas, as fibras serão prensadas em máquinas, de onde sairão fardos de pesos e tamanhos diferentes. Esses fardos, entretanto, são estocados e colocados à venda.

O caroço de algodão, após passar pelo processo de deslintagem, é levado a outra peneira, passando novamente por outro processo de limpeza, e depois jogado dentro de prensas, que evidentemente fará uma prensagem acompanhada de uma temperatura constante, originando os produtos: Torta

e o Óleo Bruto de Caroço de Algodão, sendo este último a principal matéria-prima para a fabricação do óleo comestível.

Logo após a extração da torta, esta é repassada à outro compartimento, também através de máquinas para ser ensacada e posteriormente colocada à venda.

## 5.2 - A Produção de Óleo Comestível.

O óleo comestível, marca Don-Don, fabricado pela Refinaria de Óleos Vegetais S/A (ROVSA), tem como principal matéria-prima o caroço de algodão. Estes grãos de algodão passam por vários estágios até que o óleo chegue à sua fase de conclusão. Os subítens que dão continuidade ao assunto dão uma explicação completa desde sua fase inicial até sua fase conclusiva, isto é, quando o mesmo está pronto para o consumo. Veja-os:

### - 5.2.1 - A Matéria-Prima e sua Extração.

Como já fora anteriormente abordado, o óleo comestível pela ROVSA fabricado, depende exclusivamente do caroço de algodão, que é sua principal matéria-prima no que é concernente à sua elaboração. O caroço de algodão depois de passar por um grande processo de limpeza e deslignagem, despojado enfim, de todas as impurezas e fibras que vêm aderente à semente, será lançado em prensas, onde será prensado a uma temperatura constante. Após esta etapa surgirá a torta (já explicada no subítem 5.1, veja) e consequentemente o óleo bruto que por sua vez é de cor bastante escura. Logo que é efetuada essa prensagem, dando origem a torta e ao óleo bruto, este deverá ser filtrado (pa-

ra a retirada de maiores impurezas), pesado e colocado em tanques blindados de grande capacidade de absorção, para evitar a penetração de poeira, luz e calor.

- 5.2.2 - Refinação e Desodorização.

Depois da passagem para os tanques o óleo bruto passará por um teste químico, onde será verificada sua acidez, pois o mesmo para ser refinado e desodorizado é preciso que atinja um determinado grau de acidez considerado normal. Este grau de acidez é determinado pelo químico através da fórmula que harmoniza todo o processo de fabricação de óleo comestível. Caso não seja atingido o grau de acidez esperado, o óleo servirá apenas para a fabricação da "Borra Bruta", que posteriormente será utilizada na fabricação do sabão.

Depois de efetuado o teste químico no óleo bruto e comprovada sua acidez normal, será definida a quantidade necessária a ser retirada dos tanques, e que venha suprir a quantidade indispensável à produção e a capacidade ociosa das máquinas responsáveis pelo processo de refinação e desodorização.

Assim que é pesada a quantidade de óleo bruto necessário à produção e a capacidade ociosa das máquinas, este será enviado ao amogenizador (máquina que cuida de misturar o óleo com certas substâncias químicas que fazem parte do processo de refinação), para em seguida ser refinado. Depois de amogenizado, o óleo será refinado em máquinas que tiram toda a cor escura do óleo bruto, dando-lhe uma coloração mais alva, mas não a clarificação exata. Após a refinação, o óleo será conduzido para outras máqui -

nas que por sua vez efetuam a lavagem e sua clarificação. Logo após esta operação as máquinas separadoras encarregam-se em despejar o óleo dentro do branqueador, onde será dada a sua cor final, bem como, tornando-o livre de qualquer resíduo ou odor. Dada a cor final, o óleo será desodorizado (esta operação é chamada de cozinhamento do óleo) a uma temperatura de 198 graus centígrados, numa média de 9:00 horas de operação. Depois da fervura, o óleo será transportado ao resfriador para nele ser filtrado a uma temperatura bastante fria, pois se o mesmo passar nos filtros de polimento ainda quente haverá um rompimento nas partes internas do filtro e toda operação será cancelada, pois o óleo só será conduzido aos reservatórios do setor de enchimento se a filtragem for obtida com êxito.

Obtida com êxito a operação, o óleo será depositado nos reservatórios existentes no setor de enchimento. Neste setor, porém, se dará início a última fase de todo processo de fabricação do óleo. Este, portanto, é retido em latas com capacidade para 18 kg e 900 ml, sendo as primeiras devido a quantidade, absorvidas por hotéis, panificadoras etc., enquanto que as segundas é mais para o consumo em geral (familiar, lanchonetes, bares, vendedores ambulantes, etc.). Após o óleo ser retido nas latas, estas por sua vez serão acondicionadas em caixas, cuja capacidade de absorção é de 20 unidades em cada uma.

Com esta operação realiza-se, portanto, todo o processo de fabricação do óleo comestível, desde sua extração até o encaixamento em embalagens próprias para o aconchego das latas.

OBS: Vale salientar que somente as latas de 900ml

são encaixadas, ficando as de 18 kg omissas de embalagem devido seu tamanho tornar inadequado a prática deste uso.

### 5.3 - Fabricação do Sabão.

Para a fabricação do sabão, pode ser usado vários tipos de matéria-prima, tais como: óleo bruto de caroço de algodão, borra bruta (quando o óleo não atinge o grau de acidez normal), sebo (substância gordurosa e consistente de origem animal), óleo de mamona ou babaçu etc. À estas matérias-primas são adicionados insumos (soda cáustica, caulim, sal, hipoclorito, amarelo metanil, savenil ...), cujo composto, aplicado em medidas exatas, dependendo da quantidade à ser produzida, dará origem ao sabão.

#### - 5.3.1 - Processo.

O processo empregado na fabricação do sabão é extremamente simples em relação ao aplicado na produção do óleo comestível.

O processo se dará da seguinte maneira: de princípio é feito em grandes tachos a junção de todos os insumos à matéria-prima, provocando aí uma mistura dessas substâncias que posteriormente estarão se transformando no produto almejado (o sabão).

Depois dessa mistura o material processado será levado a uma fervura através de vapor produzido pela caldeira, numa temperatura constante, até que seja atingido o ponto ideal. Quando este ponto for obtido estará pronto o sabão.

Terminada a fervura, o sabão será transportado

via tubulações ao resfriador (máquina que além de ser uma fôrma, executa em pouco tempo o resfriamento do sabão que encontra-se em estado líquido, dando-lhe a forma sólida). Após essa passagem, o sabão que agora encontra-se em estado sólido, é retirado das fôrmas sob a forma de placas, estas por sua vez, são cortadas em barras através de máquinas, e em seguida embaladas em caixas que atendem suas características físicas (tamanho, peso, quantidade e espessura).

Concluída esta última fase, está o mesmo pronto para a venda, responsabilizando-se por esta, o departamento de vendas.

#### 5.4 - Manutenção.

Quando a produção é bem planejada, grande parte do processo desta se torna rotineira e poderá ser realizada por simples técnicas sob a guarda de especialistas, ou pessoas que executam sua atividade nos devidos campos de trabalho. Todavia, em qualquer empresa surgem a todo momento problemas que só poderão ser resolvidos por profissionais habilitados. Às vezes, trata-se de problemas de interpretação e classificação de novos fatos ou operações que não estavam previstos na planificação inicial. Outras vezes, verifica-se a necessidade de aperfeiçoar o sistema vigente, ou o processo de produção, ou ainda, em parte, o método como esta vem se realizando; melhorando com isto a qualidade dos produtos ou a rapidez com que os mesmos devem ser obtidos.

A manutenção, é na ROVSA, uma das atividades mais bem executada, uma vez que a mesma conta com mecânicos, soldadores, eletricitas, engenheiros, químicos e outros pro -

fissionais altamente qualificados nas suas devidas funções. Esta manutenção é exercida constantemente, quer seja em revisões periódicas das máquinas, reposição de peças, na parte elétrica, saneamento, etc., e as vezes, atendendo situação de emergência é fabricado na sua própria oficina peças que não são encontradas no mercado.

## 6. - CUSTOS.

Quando um gasto for atribuído aos vários produtos de uma empresa, ele passa a se denominar "custo", ou "custo de produção". Custo, portanto, é um gasto atribuído à produção.

### 6.1 - Fases do Custo.

As fases do custo se constituem em diferentes passagens que vão se apresentando sucessivamente. E começam por:

- a) Materiais diretos ou matérias-primas, e
- b) Mão-de-obra direta.

#### - 6.1.1 - Custo Primário ou Custo Direto.

Este, porém, se constitui dos materiais diretos ou matérias-primas mais mão-de-obra direta (a + b), ou seja, sua constituição se dá pelo somatório das matérias-primas e a mão-de-obra direta.

#### - 6.1.2 - Gastos Gerais de Fabricação.

Compondo estes, tomam parte: amortizações, materiais indiretos, mão-de-obra indireta e ainda outros gastos gerais indiretos. Além do custo acima citado.

#### - 6.1.3 - Custo de Fabricação.

Este, por sua vez, é o resultado dos subítens

(6.1.1 + 6.1.2), ou seja, é a soma dos "custo primário ou custo direto" mais os gastos gerais de fabricação.

#### 6.1.4 - Custo Comercial.

Este, portanto, tem como fonte de sua existência' os gastos com vendas, gastos com a administração e gastos ' financeiros.

#### 6.1.5 - Custo Total.

O custo total identifica-se como sendo o somatório dos custos fixos mais os custos variáveis. Aqui portanto ele está compreendido pela junção dos subítens (6.1.3 + 6.1.4), que tem como resultado os valores totais do primeiro acrescidos aos valores totais do segundo.

#### 6.1.6 - Custo Econômico-Técnico.

O custo econômico ou custo técnico é o resultado obtido através do somatório envolvendo custo comercial mais gastos figurativos. Estes são, por conseguinte, gastos que também tomam parte no processo de fabricação dos produtos industrializados.

#### 6.1.7 - Preço de Venda.

É o somatório de todos os custos ou despesas que insere-se ao produto acabado, adicionado a este o lucro almejado pelo proprietário do produto. Ou seja, o administrador calcula a margem desejada de lucro incorporando-a ao custo econômico ou custo técnico.

## 6.2 - Detalhes sobre as Fases do Custo.

Esses detalhes são informações precisas que possibilitam uma melhor visão da importância do "custo". Como seja, sua consistência cifra-se em registrar o custo de produção ou o custo incorrido na fabricação dos vários produtos. Vários, e alguns deles acompanhados de exemplo, são aqui descritos. Como sejam:

### - 6.2.1 - O Que vem a ser Amortização?

Amortização constitui parcela do custo que não corresponde a uma saída de dinheiro, representando tão somente uma simples redução do valor de alguns bens na fase de produção de outros bens.

Ex: Uma máquina depois de produzir 5.000 unidades de um produto qualquer, perdeu parte de sua potência, ou, se tornou menos produtiva, pelo desgaste de suas peças. Esse desgaste é chamado de "depreciação", enquanto que o cálculo desse desgaste incorporado aos gastos gerais de fabricação é chamado de "amortização".

Deve ser considerado, portanto, que a amortização é uma fonte indireta de disponibilidade financeira, e "depreciação" seria a desvalorização que um objeto sofre, em virtude do uso, da ação do tempo ou de evolução técnica.

### - 6.2.2 - Material Direto.

É o material usado no processo de fabricação, inclusive, medido e incorporado diretamente ao produto resultante ou que pode ser atribuído a cada peça ou unidade

produzida, passando a formar parte do produto.

Ex: Numa cadeira, a madeira utilizada.

- 6.2.3 - Mão-de-Obra Direta.

É aquela que se emprega diretamente na fabricação e pode ser medida imediatamente no próprio produto.

Ex: Na fabricação da cadeira (ex. acima), O trabalho do carpinteiro, cortando e juntando as peças.

- 6.2.4 - Gastos Gerais.

São aqueles cuja medida e apropriação direta ao produto resultante é quase que impraticável.

- 6.2.5 - Material Indireto.

É aquele utilizado em conjunto e não somente na fabricação de determinada mercadoria. Apesar de seu emprego na fabricação não se integra ao produto resultante.

Ex: Material de limpeza utilizado na fábrica (ROVSA) ou os combustíveis e lubrificantes empregados nas máquinas que fabricam a torta, o linter, o óleo comestível e o sabão.

- 6.2.6 - Mão-de-Obra Indireta.

É toda aquela que não se identifica com os produtos resultantes, apesar de ser comum à toda produção.

Ex: No caso da (ROVSA), o trabalho do inspetor em inspecionar os encarregados da manutenção da fábrica.

- 6.2.7 - Outros Gastos Gerais.

São todos os demais gastos realizados para benefício da produção no todo.

Ex: Energia elétrica, seguro, amortização, aluguel, imposto, propaganda, etc.

Os custos devem ser desenvolvidos para um uso final específico. Com base nesse conceito de fundamental importância, pode-se classificar os custos segundo as suas finalidades, que são:

- a) Custos para determinação do lucro.
- b) Custos para controle de operações.
- c) Custos para tomada de decisões.

A idéia básica de custos, atualmente, é de que eles devem ser determinados, tendo em vista o uso a que se destinam. A "diversidade de objetivos da contabilidade de custos torna difícil estabelecer um só tipo de custo da produção, que se adapte à todas as necessidades. Cada utilização de custo requer, de fato, diferentes tipos de custos". Por isso, a contabilidade de custos, quando acumula os custos e os organiza em informações relevantes, pretende com isto atingir os três objetivos principais: a determinação do lucro, o controle das operações e a tomada de decisões.

Em se tratando de uma empresa de caráter industrial, como é o caso da ROVSA, que transforma a matéria-prima em produto acabado e depois vende esse produto, o lucro será, portanto determinado através do cálculo do custo de produção. Assim desenvolvido:

DEMONSTRAÇÃO DE LUCROS E PERDAS PARA  
O PERÍODO TERMINADO EM .....

Vendas Brutas		Cz\$ 1.000.000.000
Descontos s/as vendas	Cz\$ 20.000.000	
Devolução de Vendas	100.000.000	<u>120.000.000</u>
 Vendas Líquidas		 880.000.000
Custo das Merc. Vendidas		<u>600.000.000</u>
 Lucro Bruto s/as Vendas		 280.000.000
 Despesas Operacionais:		
- Engenharia.		
- Finanças.		
- Comercial.		
- Relações Industriais.		<u>120.000.000</u>
 Lucro Líquido do Período	 Cz\$	 160.000.000

---

OBS: Todos os valores acima mencionados são valores aleatórios, nada tendo a ver com os exercícios reais da empresa.

Dependendo da produção ou dos produtos, outros custos, em conformidade com as normas, poderão ser recrutados, além desses aqui citados, e assim condicionar a empresa a atingir seus objetivos, isto é, atender as suas necessidades no que diz respeito a organização, controle e obtenção de lucros.

## 8. - CONCLUSÃO.

Este trabalho que ora acabo de concluir é o resultado de todos os informes, explicações e esclarecimentos adquiridos junto e dentro da conjuntura atual da empresa na qual estagiei, e, concomitantemente de uma larga pesquisa em livros e relatórios que fazem referência ao assunto em questão.

Pois, bem, juntar a teoria à prática me foi uma tarefa altamente gratificante, haja vista, a experiência obtida neste desenrolar de ação que culminou com mais um passo no campo de minhas pretensões.

Assim, sendo, a prática resultado da experiência, esta, apesar de um tanto insuficiente devido ao pouco tempo, muito me influenciou tornando-me comprometido com o meu curso e, sem sombra de dúvidas posicionado ante a profissão e a realidade.

## 8. - BIBLIOGRAFIA.

Almoxarifados: Administração e Organização.

Jorge Sequeira de Araújo

9.<sup>a</sup> Edição - São Paulo. Atlas, 1980.

Contabilidade Introdutória.

Sérgio de Iudicibus e Outros.

5.<sup>a</sup> Edição - São Paulo. Atlas, 1978.

Custos: um enfoque administrativo.

George Sebastião Guerra Leone

1.<sup>a</sup> Edição - Rio de Janeiro. Fundação Ge-  
túlio Vargas, 1971.

Microeconomia.

C. E. Ferguson

10.<sup>a</sup> Edição - Rio de Janeiro. Forense U-  
niversitária, 1987.

Apostila Envolvendo os Assuntos: Contabili-  
dade Geral e Contabilidade de Custos.

Cláudio Francisco Lopes

1.<sup>a</sup> Edição - Rio de Janeiro. Degrau Cul-  
tural, 1983.

- A N E X O.

